

EXPERIÊNCIA HISTÓRICA E OUTROS DIZERES SOBRE A HISTÓRIA

SILVIO LUIZ LOFEGO¹

RESUMO: O presente artigo busca articular a experiência à frente do Curso de História da Unijales que, em certa medida, se constituiu num esforço em torno de um ideal: produzir história voltada tanto para a função acadêmica quanto a social. O texto que segue, na realidade, é um apanhado desse esforço, sem a preocupação cronológica da escrita, mas, sim, de expressar a mensagem que marcou a existência do curso ao longo dos últimos anos.

Palavras-chave: História, Ensino e Memória.

APRESENTAÇÃO

Em junho de 2002, nascia o tabloide Fazendo História, procurando dar conta dos seguintes questionamentos: como levar a dinâmica do conhecimento histórico a um público que vai além do círculo acadêmico? Como falar de História para quem é sujeito da História? Como levar a reflexão da sala de aula para todas as pessoas? Esse foi o grande desafio deste jornal, idealizado para ser um canal entre o curso de história da Unijales e a sociedade local. O título escolhido tinha intenção clara de mostrar ao público que a História é um movimento contínuo do qual todos nós fazemos parte.

Cabe ao historiador sistematizar e problematizar as experiências cotidianas. Entretanto, a produção de historiadores não faz sentido se ela não for capaz de conectar com a própria sociedade, matéria-prima do historiador. Seria o mesmo que pesquisar remédios para doenças inexistentes. Sintonizados com este espírito,

¹ Doutor em História pela PUC/SP. Coordenador do Curso de História Unijales e Diretor de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão da Unijales.

professores do curso e alunos aceitaram os desafios e produziram uma grande diversidade de textos, conforme o processo histórico em que estavam inseridos.

A Natureza histórica e o século XXI

Muito já foi dito sobre a natureza histórica do ser humano, a ponto de entendermos que, independente de concepções científicas, somos seres históricos pela simples razão de acumularmos experiência. Negar a experiência seria uma atitude ingênua e perigosa, principalmente num mundo em que a virtualidade se confunde com o palpável. A experiência é o eixo norteador da vida, ignorá-la seria o mesmo que abrir mão da evolução. A técnica pode transformar o manuseio das ferramentas e acelerar descobertas, bem como abrir um leque de novas possibilidades para nossa existência. Entretanto, não pode interferir na nossa capacidade de fazer escolhas. Do mesmo modo, não pode guiar nosso caráter.

Neste sentido, a história continua seu fluxo. A reflexão, a ponderação e a atitude para mudar continuam nas nossas mãos. A história, assim então, deve ser o percurso do nosso pensamento. No entanto, com a reorganização e pluralização das relações sociais, por meio da internet, tornaram-se cada vez mais imperativos os cuidados com os caminhos a serem percorridos. As redes sociais divulgam e difundem tudo, num profundo jogo de informação versus desinformação, confundindo os desavisados ou distraídos das armadilhas postadas. O chamado espírito crítico é facilmente tentado a compartilhar documentos ficcionais ao invés de fontes seguras. Não raro, as questões de foro íntimo sobrepõem-se a virtude do discernimento.

Mas, de fato, estamos nos inserindo numa nova perspectiva de mundo. Uma nova mentalidade que, aos poucos, vai emergindo. As gerações que nasceram com as novas ferramentas, proporcionadas pelo avanço técnico, começam a consolidar a passagem entre os mundos. É nessa perspectiva que a história tem, como sempre teve, uma contribuição ímpar. Negociar posições, entender o processo e acomodar o novo. Para isso, é preciso ter a segurança da experiência e o exemplo do passado. Afinal, em vários momentos da existência humana, o mundo foi revirado, colocado de “cabeça para baixo” para que uma sociedade surgisse. E quanto maior o

conhecimento do processo de mudança, mais seguro e mais claro fica o futuro que chega.

Não preciso ser mais óbvio: o futuro de uma sociedade será melhor à medida em que ela for capaz de aprender com sua história. E, para aprender com a história, é preciso estudá-la. Recusar a história é atirar-se ao incerto e mergulhar na ignorância. Porque independente da nossa vontade, a história continua. Cabe a nós conhecê-la ou não. E, conforme muitos pensadores já afirmaram: conhecimento é poder e ignorância é escravidão.

Brasília 50 anos

O mês de abril de 2010 trouxe algumas particularidades para História do Brasil. Em primeiro lugar, nós celebramos o aniversário da cidade de Jales (69 anos); tema que tratado em artigo do prof. Léo Huber. Também, comemorou-se Tiradentes, transformado em herói pelos republicanos do século XIX. Já no dia seguinte, foi comemorado o “descobrimento” do Brasil (ou chegada dos portugueses; ou invasão, etc.)

Mas um evento deverá repercutir na mídia: os 50 anos da capital federal. Erguida sob a euforia do nacional desenvolvimentismo, a cidade reúne uma série de signos muito interessantes, para se pensar a própria História do Brasil.

A primeira questão que se apresenta é a da modernidade: a cidade emerge na expectativa de reconstrução do mundo no pós-guerra. O futuro de prosperidade estava anunciado na campanha de JK (50 anos em 5). A segunda questão seria o projeto de desenvolver o interior do país, a capital constituía-se numa forma de forçar uma integração da economia litorânea com o interior do país. Era o fim do “atraso” no sertão brasileiro. Uma terceira proposição estaria nas próprias características da modernidade pretendida e expressa no desenho da cidade.

A monumentalidade em que se constituiu Brasília instigou inúmeras especulações e paixões. O discurso ideológico dividiu-se em pontos de vista distintos. Para alguns, a nova capital era a cidade da dispersão, com enormes áreas abertas, dificultando aglomerações e, dessa forma, evitaria a pressão popular. Para

outros, entretanto, incluindo seu projetista, Oscar Niemeyer (militante do PCB), ela representava um projeto de igualdade, no sentido de proporcionar uma urbanização padrão para todas as classes sociais.

O fato é que, nestes anos, Brasília produziu uma cultura própria, sem as esquinas, encontrou *quase sem querer* na sua *legião urbana*, a poesia do desencanto. Os filhos da cinquentona se somam aos problemas não previstos. As cidades satélites, que deveriam ser uma réplica do plano piloto, se desfiguraram. O espelho d'água reflete na arquitetura da modernidade a desigualdade das velhas cidades. Nesses 50 anos, Brasília é o futuro que ainda não chegou.

Música, Cultura e História

A música e a história têm uma relação muito mais estreita do que se pode supor. É difícil imaginarmos qualquer movimento sociocultural sem uma trilha sonora. A começar pelo cinema, em que a música está quase sempre, intrinsecamente, ligada à construção da narrativa histórica. Sem a música, o suspense, o drama, o romance e a comédia não seriam capazes de chegar ao espectador de forma tão conectada aos sentidos.

Da mesma maneira, os hinos organizam um sentimento de pertencimento e servem de suporte às construções ideológicas. A música traduz de uma identidade de Estado, como ocorre por exemplo, com o Hino nacional brasileiro e a Marselhesa da França. O gigante destemido que rompe a metrópole opressora (*gigante pela própria natureza...impávido colosso*) ou nação que rompe com um passado de atraso e na revolução reinventa sua história. Seja no Brasil, na França, nos Estados Unidos ou em qualquer outro país, o hino é símbolo do Estado, parte da memória do seu povo, implicando em usos e abusos.

As canções românticas traduzem um sentimento difuso, às vezes, inseguro e ou de entrega à composição da história romântica de cada um. A música vai do romântico contido, parafraseando Cazuzza, ao exagerado, que, jogado aos pés da amada, lhe traz mil rosas roubadas. Desse modo, a música constitui um vasto repertório que alimenta o imaginário contemporâneo.

Nas ruas, os movimentos políticos e sociais usam a música como motivação para transmissão da sua mensagem. Nos últimos tempos, de acordo com José Geraldo Vinci de Moraes, “Sons e ruídos estão impregnados no nosso cotidiano de tal forma que, na maioria das vezes, não tomamos consciência deles. Eles nos acompanham diariamente, como uma autêntica trilha sonora de nossas vidas, manifestando-se sem distinção nas experiências individuais ou coletivas. Isso ocorre porque a música, a forma artística que trabalha com os sons e ritmos nos seus diversos modos e gêneros, geralmente, permite realizar as mais variadas atividades, sem exigir atenção centrada do receptor, apresentando-se no nosso cotidiano de modo permanente, às vezes, de maneira quase imperceptível”. (Moraes, RBH. São Paulo, v. 20, n° 39, p. 204. 2000)

Pensar os sons escutados, indiscriminados e simultâneos. Entender o processo que envolve um turbilhão de ritmos, gêneros e estilos. Refletir a mercantilização da música, não apenas através da mídia, mas também da indústria de aparelhos. A resignificação, a reelaboração do gosto, a massificação e a diversidade da cultura musical. São temáticas que merecem uma compreensão histórica, uma vez que são potencialmente fonte para se produzir novos conhecimentos sobre a sociedade contemporânea. Até que ponto o que ouvimos está atravessado por angústias, transformações e perturbações, em que se repercutem outras dimensões.

Afinal, a música é um rico elemento da cultura de todos os povos. Sua problematização é oportuna em nossa contemporaneidade. Neste sentido, a Semana de História da Unijales contribuiu para a construção de um debate profícuo e revelador. Esse é o papel da História: oferecer elementos para a compreensão das transformações humanas. E a música é um campo vasto e instigante para a pesquisa histórica.

Jovem Guarda: A História Revistada

Todo processo visto sob a lente contemporânea é, sem dúvida, muito obscuro diante das batalhas e tensões em curso. Isso, obviamente, não invalida as reflexões que se venham construir sobre o tempo presente. No entanto, o

distanciamento é fundamental para que a nebulosidade da passionalidade ceda para a racionalidade e forneça uma visão mais ampla do contexto. Exemplo disto é a Jovem Guarda, movimento musical nascido de um programa de TV voltado para um público popular, que foi durante muito tempo criticado pela elite intelectual dividida entre o deslumbre da Bossa Nova e as canções de protesto, diante do momento político vivido pelo Brasil e pelo mundo.

É evidente que tais críticas não eram vazias, pautavam-se na luta de um país em transformação. Mas essa transformação não estava limitada aos movimentos elitistas, estavam nas ruas, nas casas, nos bares, nas rádios e na TV. A juventude transviada e do *eieiê* se encontravam num movimento de busca por novos referenciais de existência, que não seriam, necessariamente, de militância política ou de deleites filosóficos, mas estavam sendo forjados no calor de um contexto mundial, iniciado, nos anos 50, com o Rock In Roll.

Os novos ritmos e a velocidade penetravam no corpo e na alma de uma juventude que buscava desprender-se dos velhos valores. O biquíni, o carro, a guitarra elétrica e o cabelo comprido eram novos signos de um mundo ansioso pela liberdade do corpo e mandava tudo pro inferno, embora não deixasse de viver sufocado pelas tragédias das Guerras. Beatles e Rolling Stone traziam a satisfação e a fantasia do desabrochar do amor.

Foi uma época em que o jovem perdeu a “vergonha” de expor seu lado ridículo, ao mesmo tempo em que não esquecia os corpos caídos ao chão, nem deixava de lembrar os caracóis de um certo cabeludo. Entretanto, o sol de um novo dia, a nostalgia do banco da praça também eram parte do viver. E confessar o beijo em uma árvore onde escrevera o nome da amada com um canivete era tão importante quanto as águas de março. A ilusão não estava apenas na angústia de um cálice da ditadura, mas também na solidão de uma pobre menina.

A busca do novo podia ser o sonho de uma nova sociedade, como encontrar o primeiro amor. Afinal, ninguém tinha o coração de papel. Hoje, com a difusão de uma historiografia que busca revistar outros espaços da experiência humana, reconhecendo o espectro das perspectivas que a história do homem oferece a hora de entender aquele momento sob outros paradigmas da história social. Para o

historiador não existe o adeus final das brigas de amor, mas nas brigas como nas festas “do Bolinha”, dos “bons rapazes”, dos “playboys a 120 k/h”, das “ruas augustas”, dos “ritmos da chuva” ou das “rajadas de metralhadoras” que estão na construção do próprio homem. Por essa razão, os mais de 40 anos da Jovem Guarda são bem mais que a lembrança de uma época: é o tempo de uma historicidade tanto quanto das guerrilhas que sonhavam com um mundo livre da exploração capitalista.

Se há um alguém na multidão, lá também está a História.

Fazer e refazer a História

Cada um de nós tem uma percepção de temporalidade. Vivemos num constante ir e vir. A cada vez que nos defrontamos com uma situação nova, buscamos no tempo, ou melhor, em nosso passado, uma referência para análise. Quantas vezes visitamos instantaneamente lugares e tempos diferentes do nosso passado, mas, se muitas vezes, embora distantes no tempo, se aproximam na semelhança dos acontecimentos. Pois, assim, é a arte da História. Ela não pode ser enfileirada num imenso museu de cronologia rígida.

A História dá saltos no passado, para trazer aquilo que é capaz de construir um sentido para o presente, com avanços e recuos. Por exemplo, quando falamos de Guerra, podemos nos referir às estratégias dos Gregos no Peloponeso, de Napoleão, na França, ou dos russos na Segunda Guerra, dentre outros. A nossa capacidade de relacionar os distintos acontecimentos poderá contribuir para perceber que uma guerra não se vence apenas com tecnologia e dinheiro mas, principalmente, com a inteligência.

Portanto, usar a inteligência é, antes de mais nada, fazer uso da História. Isto implica em repensá-la, reinterpretá-la ou mesmo reescrevê-la, à medida que as técnicas, métodos e materiais nos trazem conhecimentos que são passíveis de novas descobertas.

Neste sentido, todos nós fazemos História, ao mesmo tempo que se faz necessário refazê-la. Sem História é mesmo que sem rumo, sem referência, logo,

sem capacidade para discernir. Não é à toa que todo governo antidemocrático, tirano, autoritário se vê tão incomodado com o ensino de História. Na tentativa de conter os questionamentos que a história possa suscitar, esse tipo de governante tenta impor um conhecimento plano, em que apenas um lado é possível.

Desse modo, temos muitos “inimigos”, pois nada é mais ameaçador ao status quo do que conhecer História. Nada é mais inquietante que o poder vigente da releitura da História. Assim, digo que nada é mais antiquado e ultrapassado de que reproduzir o que nos é oferecido como verdade.

Nenhum grande gênio da humanidade ficou acomodado (Sócrates, Da Vinci, Einstein, Marx etc.) ou aceitou as coisas como eram. O conformismo é devastador para a renovação. E, para renovar, é preciso repensar o mundo. Para repensar o mundo, a História é a alavanca para revolver tudo que está estanque. Por isso, quem ama o novo e não se conforma com o mofo da sociedade, quem deseja renovar, quem busca a transformação, encontra na História o combustível de que necessita.

Reflexão

Fazer a transformação do pensamento que construímos ao longo dos anos, em texto escrito e inteligível para quem nos lê, é um desafio constante. Esse desafio materializa-se como a missão de recolhermos os elementos do mundo em que estamos inseridos e transformá-los em reflexão. Desse modo, nós que lidamos diretamente com as ciências humanas, nos sentimos na responsabilidade de transmitir à sociedade um posicionamento crítico sobre os acontecimentos que nos cercam.

Temos a incumbência de subsidiar os debates que se colocam como iminentes. Por exemplo: se o assunto é aquecimento global, não basta uma constatação técnica ou um diagnóstico das causas. Nem mesmo a elaboração de um plano de ação a partir de tal diagnóstico, pois, por maior que seja a perfeição técnica de um plano, é necessário que ele alcance os corações e as mentes de todos com quem se pretende envolver. Neste sentido, a História é a referência segura.

Não porque está tudo resolvido a partir da História, mas por que ela é a atitude humana no tempo. E, assim, compreender o desenrolar dessa atitude é fundamental para corrigi-la.

Mas ser a referência segura não resolve. Não é a chave para tudo. A História traz para a consciência social toda a complexidade humana. Aprender a olhar para essa complexidade é essencial para superarmos uma visão simplificada do mundo e, desse modo, evitar que nos tornemos arrogantes, a ponto de quisermos impor a todos o mesmo olhar. Portanto, é essa capacidade para os diálogos entre os diferentes pontos de vista que faz do historiador um arauto na construção da sociedade futura.

A capacidade de dialogar com a diversidade só é possível quando analisamos as experiências que nossa existência produziu ao longo do tempo. Daí a diferença entre o historiador e o colecionador. Para o colecionador, um produto do passado serve como adereço ou como forma de matar nossa curiosidade sobre os tempos passados. Para o historiador, é o ponto de partida para responder indagações que são próprias do tempo presente. As articulações entre tempos diferentes podem revelar um determinado perfil da sociedade contemporânea e contribuir para uma reflexão profunda do nosso tempo, abrindo novas perspectivas para o futuro.

O TEMPO DO HISTORIADOR

De que lugar é possível olhar e falar de História? Começo este texto dentro do meu carro, estacionado numa praça, num bairro popular de uma cidade pequena. Sem papel, nem caneta, escrevo. O instrumento que uso não tem palavra definida em língua portuguesa. Chamam de laptop ou notebook (sinceramente não sei a diferença). Assim, impulsionado pela necessidade de refletir sobre o ofício do historiador ou da própria natureza da História, estou diante de uma cena que eu não conseguiria imaginar tempos atrás.

Tomo o cenário a minha volta como ponto de partida. Neste pequeno palco do cotidiano, estou diante de um supermercado de nome Frigo-fur (será que fur é evocar a memória daquele hiper francês? Talvez seja apenas coisa da minha

própria memória), na rua, com o trânsito livre apenas para pedestres. Um grupo de pessoas reúnem-se em torno de uma barraca de pastéis. No ir e vir de pessoas, nessa manhã de domingo, rodas de conversas formam-se em torno de um tacho com óleo fervente, que frita sem parar, pastéis de todos os tipos de recheios.

Já passamos da primeira década do século XXI, mas as marcas de algo ainda antigo e tradicional como o de um dia de domingo, ainda, estão entre nós. No entanto, são tempos que parecem se cruzar misturando passado e futuro. Do mesmo ponto, vejo logo adiante, alguém, com um caixote, vendendo todo tipo de DVD e CD (pirata, evidentemente). Cenas que desnudam e revelam um mix de temporalidades e linguagens.

Penso nesse lugar como um fragmento da memória coletiva e social que emerge neste presente transitório pois, entre o novo e o antigo estão os sujeitos em seu cotidiano. Sujeitos que atravessam e são atravessados pelo novo, não apenas como uma esponja que tudo absorve, mas como ser subjetivo e ativo, capaz de conversar, preservar, misturar, destruir e reconstruir tudo ao mesmo tempo. Desse modo, velho e novo são transeuntes nos caminhos do viver.

É justamente esse cruzamento, ou essa encruzilhada, que desenha o mundo no qual inserimos. Esse é o tempo da nossa História. Um tempo híbrido e, talvez, indecifrável. Mas é, também, de reconhecimento de nossos paradigmas, de nossas leituras e, por vezes, interpretações. Revela que os projetos, para se alcançar uma interpretação satisfatória, dentro da História, precisam ser reformulados dentro de uma nova estratégia, de uma nova lógica. Pensando a história que escrevemos, interrogo-me se não é sempre hora do historiador rever sua própria escrita, uma vez que ela precisa se inserir na linguagem que transita entre o virtual do mundo tecnológico e o real das desigualdades sociais.

É preciso navegar por novas escritas, ainda que velhas questões, velhos problemas estejam gritando. Pois, tais gritos já ecoam por modernos aparelhos de uma era digital, mesmo numa feira distante do turbilhão das metrópoles.

Faço tais considerações tocado por uma experiência pessoal, quando participei de uma reunião de historiadores, a ANPUH, realizada na cidade de Assis, onde historiadores puderam discutir o próprio ofício. O desenho das trilhas da

memória de um computador, que representou o encontro, também foi bastante emblemático. Com o tema “o Historiador e seu tempo”, buscou-se rever e questionar que momento é esse para os caminhos da História.

Deslocamentos, expansão e fragmentações. Onde a história se localiza? Onde a memória se enraíza? Foi a partir dessa perspectiva que tive o privilégio de coordenar o seminário temático Locais da Memória e da História, cuja proposta foi justamente debater as possibilidades da produção e da preservação do patrimônio cultural.

Na ocasião, buscou-se focar a multiplicidade de sujeitos que vivenciam suas práticas sociais seja no espaço urbano ou rural. Assim, uma variedade de temas foi apresentada, expondo suas problemáticas a partir das experiências humanas diversas. Homens, mulheres, crianças e velhos, dentro de suas necessidades, ideias, aspirações, emoções, sentimentos e desejos compuseram o mote das pesquisas apresentadas que contribuiu significativamente para refletir sobre as perspectivas para o desenvolvimento do saber histórico.

Sem dúvida que a História avança à medida que amplia o leque de reflexão e análise das experiências humanas, articulando para a produção de trabalhos, fora dos grandes centros, a necessidade de, também, trabalhar a preservação documental, uma vez que essa tem se constituído num sério problema para a memória social.

Afinal, onde ficam registrados os sentidos elaborados pelos personagens que consomem um pastel frito na hora e, em seguida, levam um filme de DVD para casa? Como a memória está se elaborando e reelaborando nas práticas sociais? Neste sentido, também faz-se necessário que o historiador reelabore sua visão de mundo, pois, quanto mais nos conscientizamos da transitoriedade da vida social, mais o historiador se faz presente como um articulador de temporalidades diversas.